ARQUEOLOGIA DO JORNALISMO DIVERSIONAL: ENTENDENDO O GÊNERO A PARTIR DE SUA BASE TAXIONÔMICA[1]

GT16: Estudos sobre Jornalismo

Francisco de Assis[2]
(Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil)

Resumo

Este texto examina o livro *Jornalismo diversional*, editado no Brasil, em 1971, por José Marques de Melo. Trata-se do volume no qual foi exposto, pela primeira vez, o termo que seu editor utilizaria para classificar um dos gêneros jornalísticos praticados pela imprensa brasileira. Ocorre, todavia, que a expressão "diversional", apresentada no título, não é repetida em nenhum dos capítulos, o que exige, para uma compreensão mais clara da taxionomia, um verdadeiro trabalho arqueológico, aos moldes daquele realizado por Michel Foucault, acerca de certas áreas da ciência. O ensaio, amparado em pesquisa bibliográfica, relaciona a ideia de *diversão*, pressuposta pela tônica do gênero, ao teor dos textos que dão corpo à referida obra, buscando compreender de que maneira ela se manifesta no âmbito do jornalismo.

---

[1] Trabalho submetido ao grupo temático (GT) Estudios sobre Periodismo, do 12º Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic), para ser apresentado entre os dias 6 e 8 de agosto de 2014, na Pontificia Universidad Católica del Perú (Lima, Perú).

[2] Professor do curso de graduação em Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em São Paulo (SP). Doutorando e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Vice-coordenador do GT Estudios sobre Periodismo da Alaic. e-mail: francisco@assis.jor.br

Palavras-chave: Gêneros jornalísticos; jornalismo diversional; taxionomia; arqueologia do conhecimento; diversão.

Arqueologia de uma classificação

Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês considerado um dos pensadores mais influentes do século 20, dedicou a maior parte de sua trajetória a traçar parâmetros para uma melhor compreensão da história do pensamento ocidental. Como legado, não só se aprofundou em assuntos como a insanidade, a sexualidade e o poder, como também conscientizou-nos quanto à necessidade de voltar às raízes, aos textos fundadores do saber sistematizado, aos documentos históricos (ao que eles dizem e também ao que não dizem), pois é por meio desses vestígios que se faz possível juntar partes, ordená-las, entrecruzá-las, a fim de visualizarmos, de fato, o fluxo natural dos acontecimentos, tal como registra em seu *A arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2005).

O método arqueológico de Foucault é, na avaliação de Rafael Haddock-Lobo (2008, p. 58), um exercício que valoriza a "história do outro", que estabelece relações entre o objeto estudado e outros elementos do contexto em que se insere. Além do mais, deve-se observar, a "arqueologia foucaultiana" é definida como uma "análise de discursos"; dessa maneira, e complementando o já exposto, esse tipo de trabalho "não pode se encerrar no interior do próprio discurso", mas "deve articular o discursivo com o não-discursivo, isto é, com seu outro". Assim expressa o próprio Foucault (2005, p. 32): "Fazer aparecer em sua pureza o espaço em que se desenvolvem os acontecimentos discursivos não é tentar restabelecê-lo em um isolamento que nada poderia superar; não é fechá-lo em si mesmo; é tornar-se livre para descrever nele e fora dele jogos de relações".

Amparados nessas premissas, fomos nós buscar, no livro *Jornalismo diversional*, publicado no Brasil, em 1971, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), a base para compreender a taxionomia formulada por José Marques de Melo – não por acaso o editor do volume – acerca dos gêneros jornalísticos praticados pela imprensa brasileira. Em específico, o "gênero diversional" – tema de nossa tese de doutoramento – é, dentre as cinco classes reconhecidas pelo autor[3], a que mais tem sido alvo de incompreensões, provocadas, principalmente, por sua tônica que imbrica *informação de atualidade* e *diversão*, a ponto de delinear certa finalidade (função, propósito) e de configurar o trabalho de alguns repórteres.

Ocorre que os capítulos reunidos na aludida obra dizem mais nas entrelinhas do que nos próprios textos, porque em nenhum momento exibem a palavra "diversional" – que, reforçamos, aparece no título –, mas, por outro lado, elencam, cada qual a seu modo, uma série de atributos constituintes desse agrupamento. Em se tratando do primeiro vestígio desse conceito a ser encontrado na literatura comunicacional brasileira, não temos dúvidas em situá- lo como fonte paradigmática, haja vista sua originalidade e sua permanência na pauta acadêmica durante décadas.

Uma arqueologia dessa classificação pareceu-nos, por isso mesmo, a possibilidade de jogar luzes sobre a problemática. Tomando, então, os ensinamos de Foucault como proposta metodológica, debruçamo-nos sobre o livro, para, a partir dele, ir além, ao seu entorno, aos seus "não discursos", ao "seu outro", e assim melhor identificar os fundamentos que sustentam o gênero que temos estudado.

[3] José Marques de Melo (2009, p. 35-36) organiza os gêneros jornalísticos praticados no Brasil em cinco classes: *informativo*, *opinativo*, *interpretativo*, *diversional* e *utilitário*. Para maior aprofundamento na questão, consultar o texto "A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos" (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2013).

A origem do termo

Como dissemos, é em *Jornalismo diversional* (MARQUES DE MELO, 1971) que o termo definidor de um dos gêneros cultivados por jornalistas brasileiros aparece pela primeira vez. Publicado com circulação restrita, para uso exclusivo na ECA-USP, o volume, de apenas 25 páginas, formato 15 por 21 centímetros, teve inicialmente intuito didático, isto é, serviu como subsídio para as aulas do curso de jornalismo daquela instituição, iniciadas em 1967, um ano após a abertura da Escola de Comunicações Culturais (ECC)[4]. Trata-se do "Texto 18" da "Série F" (dedicada a temas jornalísticos), segundo consta em suas últimas páginas. Faz parte, portanto, de uma coleção de tomos de mesma natureza que a ECA editava, por iniciativa de Marques de Melo – naquele 1971, coordenador do Departamento de Jornalismo e Editoração –, de modo a articular as escassas e dispersas bibliografias que se focavam nas disciplinas de seu domínio.

Bem se sabe que, justamente no trânsito entre as décadas de 1960 e 1970, começam a se proliferar, pelo país, os cursos de formação universitária estruturados no campo comunicacional. Por ser área "recente", quase não havia referenciais sistematizados – principalmente em língua portuguesa – à disposição dos ingressantes nesse território cognitivo. Aí se encontra, inclusive, um dos méritos do pequeno livro aqui em destaque: o de organizar ideias, a respeito de um assunto relacionado à produção da imprensa, num momento em que o mercado editorial brasileiro pouco tinha a oferecer como contributo a professores, pesquisadores e estudantes interessados nesses pontos. No mais, a originalidade das séries impressas pela ECA-USP – às vezes, traduções de importantes títulos existentes, até então, apenas em línguas estrangeiras, ou, ainda, reproduções de materiais dispersos – é notada até em

[4] A ECC, criada em 1966, passou a se chamar Escola de Comunicações e Artes em 1970, por meio do decreto nº 52.326.

nossos dias, quando as livrarias já disponibilizam centenas de títulos rubricados por autores nacionais e do exterior. Mesmo no cenário atual, de possibilidades mais, os exemplares que ainda restam daquelas apostilas são, muitas vezes, recuperados e utilizados em pesquisas acadêmicas de nível avançado, como em mestrados e doutorados, tendo seu valor frequentemente enaltecido pelos estudiosos.

Mas os méritos de *Jornalismo diversional* estão para lá da estatura de *livro seminal* – o que, de fato, é. Ele inaugura um modo específico de conceber uma prática que, mundo afora, já era comumente associada ao *new journalism* norte-americano e que, depois, ficou principalmente conhecida pela denominação "jornalismo literário" (PENA, 2005; LIMA, 2010; CASTRO, 2010)[5], muito embora entendamos que não se trata apenas de unívocos, mas,sim, de duas questões entrelaçadas: a técnica (literário) e o gênero (diversional). Longe de se findar, esse confronto permanece nos debates acadêmicos, entre disputas taxionômicas, terminológicas e conceituais, que revelam diferentes lugares de fala e múltiplos modos de entrever o fenômeno.

A coletânea é composta por quatro artigos, originalmente publicados na revista *Bloch Comunicação*, da Bloch Editores S/A (Rio de Janeiro). São seus autores:

[5] Há certa confusão em torno do "novo jornalismo" – para usar a expressão em português – e do "jornalismo literário", que não raro são tratados como termos iguais (assim como é comum que "jornalismo diversional" também seja utilizado como um terceiro modo de tratar do mesmo fenômeno). O fato é que, independentemente do nome com que se queira chamar a produção contemporânea que une prática jornalística e técnica literária, o *new journalism* consiste em episódio específico da história da imprensa, situado no tempo (década de 1960) e no espaço (Estados Unidos), no qual "os limites convencionais do fazer jornalístico" foram afrontados. Não se trata exatamente de "um movimento, pois não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais de *Esquire* e no *Herald Tribune*, por gente como Jimmy Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, até atingir a configuração de grandes narrativas com feições de romance, nas obras de Truman Capote e Norman Mailer" (BULHÕES, 2007, p. 145).

Roberto Muggiati, Zevi Ghivelder, Thomas Uzzell e George Seddon, tendo as contribuições desses dois últimos – estrangeiros – sido traduzidas por Muggiati. Curioso é o fato de que não há uma introdução, uma apresentação ou mesmo um prólogo responsável por dizer o que se entende, ali, por jornalismo diversional. E, também como já expusemos, a palavra "diversional" não é mencionada em nenhuma das páginas que se sucedem à capa. Seu uso como classificador do gênero, aliás, só ganhará contornos mais nítidos entre o final da década de 1970 e o início da de 1980, em trabalhos assinados por Marques de Melo e por autores que comungaram de sua perspectiva.

Devemos destacar, assim, que os textos agrupados naquele espaço tão somente sinalizam elementos constitutivos das formas de expressão que, no porvir, seriam categorizadas como "formatos" do "gênero diversional" (MARQUES DE MELO, 2009, p. 36). Atendendo à sua função didática, o volume exibe feições de manual, uma vez que indica o que se deve e o que não é permitido fazer quando da elaboração de matérias jornalísticas que se valem de técnicas comuns à esfera literária. O parâmetro das investidas são, principalmente, as obras dos jornalistas-escritores Ernest Hemingway e Truman Capote, que deixaram lições a serem seguidas, quer nas próprias produções que assinam, quer em entrevistas ou em depoimentos reveladores de estratégias produtivas e de suas percepções sobre esse fazer.

Em linhas gerais, os capítulos dão recomendações sobre as ocasiões em que esses recursos podem ser adotados e a respeito das particularidades de cada um[6]. Roberto Muggiati (1971, p. 10), por exemplo, ao observar o desempenho de Hemingway na imprensa, percebe uma "verdadeira fusão do escritor e do jornalista", propiciada pela "libertação das convenções, uma atitude mais

[6] Uma parte das considerações que tecemos sobre os capítulos de *Jornalismo diversional* foi extraída de nosso relatório de qualificação para o doutoramento, a cujo exame fomos submetidos e aprovados em setembro de 2012.

flexível, preferindo a apresentação narrativa direta à rígida pirâmide invertida". E denomina o trabalho por ele avaliado como "reportagem-conto", típico jornalismo que recorre à técnica do conto[7] para construir algo muito próximo ao que Ghivelder (1971, p. 23) atribui a estampa de "reportagem-criativa", cuja característica é ser um "autêntico trabalho de criação sobre os fatos acontecidos".

O trabalho jornalístico que se permite criativo demonstra ser a essência do gênero diversional. Mas é necessário ponderar alguns elementos de seu processo, apesar de defendermos que, se esse jornalismo é caracterizado pela liberdade conferida ao repórter e por sua capacidade de criar, seria incoerência qualquer tentativa de estipular modelos ou padrões. Por outro lado, tentando não correr o risco de nos deixar levar pelo senso comum, é importante mostrar que isso não se resume a dar ao texto "um tratamento literário de palavrório", mas significa "captar a transcendência das coisas, fatos e pessoas, valendo-se o repórter de um senso de observação permanentemente acurado", como bem percebe Zevi Ghivelder (1971, p. 24), referindo-se à experiência de Capote, em *A sangue frio*. Dessas considerações, ainda podemos extrair a essência da criação no jornalismo, isto é, elementos diluídos ao longo da exegese e que podemos listar nos seguintes tópicos:

- descrição de pessoas (relacionadas à história relatada);
- reprodução de diálogos;
- pesquisa paciente e detalhada (apuração);
- técnicas adequadas – e próprias – para entrevistar as fontes;
- suspense e flashback (recursos para descrever ou narrar os fatos);
- ritmo de interesse da história;

[7] Apesar do título de seu texto – "Hemingway e a reportagem conto" – ser bastante delimitado, Muggiati (1971, p. 11) diz haver, "além do conto", "outras formas, outras técnicas, que se podem prestar à exploração jornalística", como aquelas empregadas pelo teatro, pelo cinema ou, mesmo, pela televisão.

- capacidade – do jornalista, claro – para estabelecer relações diversas (como, no exemplo dado pelo autor, entre condições climáticas e comportamento de personagens).

Na qualidade de professor de técnica de ficção na Universidade de Nova York, Thomas Uzzell (1971, p. 26) ensina que contar uma boa história exige a utilização de diferentes ângulos narrativos. Em literatura – sua linha de atuação, mas cuja essência podemos transpor ao jornalismo –, o "ponto de vista" é um artifício utilizado "para ressaltar ou intensificar certos efeitos predeterminados", sendo que há três perspectivas básicas a serem adotadas:

- o *ponto de vista onisciente*: usado com frequência, pois atribui a observação de um determinado cenário ao próprio narrador – no caso que nos interessa, ao jornalista –, cabendo-lhe a responsabilidade pela descrição feita;
- o *ponto de vista do personagem principal*: que conta o desenrolar da situação a partir do olhar do protagonista; e
- o *ponto de vista do personagem secundário*: o qual pode ser entendido como o ângulo em que um especialista observa a cena. "Com ele, o autor conta a história vista por uma figura de menor importância", mas conhecedora do assunto (UZZELL, 1971, p. 32).

Das quatro unidades do livro editado por Marques de Melo, a de Uzzell é a única que não se refere diretamente à imprensa, oferecendo dicas e orientações que precisam ser adaptadas e relativizadas para sua adoção por profissionais da área. De todo modo, são coerentes ao todo, dialogando muito bem com os outros autores, inclusive com George Senddon (1971, p. 5-8), que na verdade não se ocupa de ensinamentos acerca da práxis, mas oferece um exemplo – um texto seu com as feições aqui discutidas –, por meio do qual se pode melhor apreciar

a performance de um cultivador do gênero em foco. A contribuição que ele nos dá está devidamente sintetizada na nota explicativa do tradutor, que assim diz:

> Um dos maiores defeitos do repórter é partir para uma cobertura com a ideia preconcebida do texto que pretende apresentar. Este artigo de George Seddon para o *Observer* mostra como se pode, e deve, corrigir essa falha. O assunto da reportagem é a tomada de cenas de mais um filme, nestes dias um tanto saturados de celuloide. O local é o Marrocos, mas poderia ser a Bahia ou Cabo Frio. Todo repórter afeiçoado ao tratamento-chavão desse tipo de matéria voltaria com clássicos dados (enredo, equipe técnica, atores, data do lançamento, etc.) e acrescentaria algo de "original": fofocas ouvidas nos intervalos de filmagem, o tombo que a atriz Fulana de Tal levou, o romance de amor que se iniciou à sombra das câmeras e outras coisas desse gênero. Seddon ilustra como se podem evitar esses clichês e enriquece o texto com a sua narração de uma experiência pessoal[8].

É com esse elenco de princípios e de modelos que *Jornalismo diversional* se arquiteta, servindo de base para pensarmos o fenômeno e para compreendermos os alicerces da classe das matérias "cuja identidade vacila entre o mundo real e a narrativa imaginária" (MARQUES DE MELO, 2010b, p. 3). De suas páginas, novamente advertimos, deriva toda uma discussão a respeito desse gênero emergente, que, não obstante seja residual – ou quase ausente da maioria dos veículos brasileiros (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 29) –, ainda é cultivado por um seleto grupo de repórteres. Sensíveis ao observar o cotidiano e

[8] Trecho da nota introdutória de Roberto Muggiati, tradutor do texto.

aptos a redigir histórias verídicas que parecem ficção, de tão bem escritas e interessantes, esses jornalistas exercitam aquilo que vem sendo transformado em categorização científica por pesquisadores das ciências da comunicação e de áreas afins. Por isso mesmo, falar sobre o referido livro é apenas aludir à ponta do *iceberg* ou ao início do esforço teórico que agora se mostra como uma das classificações mais conhecidas no país[9]. Lendo criticamente o seu teor, somos convidados a avançar, apreendendo os principais esforços reflexivos e empíricos que intentaram clarear a questão.

A evolução do conceito

Do nome conferido por Marques de Melo a uma apostila da ECA-USP à classificação que tem guiado parte das pesquisas sobre gêneros jornalísticos, a concepção do "diversional" passou por diferentes fases, sendo ora aceita, ora rejeitada, até que conquistou legitimidade e certa autonomia em meio aos diagnósticos sobre o trabalho desempenhado pela imprensa e, consequentemente, por seus profissionais. Para acompanhar o processo, vamos reconstituir brevemente um panorama evolutivo, sinalizando os momentos e as publicações mais significativos.

Antes de mais nada, é justo reconhecer que o primeiro a aprofundar esse conceito – ou, pelo menos, a explicar do que se trata – foi Mário Erbolato, que o referenciou num item de *Técnicas de codificação em jornalismo*, lançado em 1978. De acordo com suas explicações, "no jornalismo diversional, o

[9] Em entrevista concedida à revista *Pesquisa Fapesp*, Marques de Melo (2012, p. 33) assim se manifestou: "Aquilo a que venho me dedicando há quase 50 anos, com muita atenção, são os gêneros jornalísticos. Tenho uma proposta de classificação dos gêneros no país em cinco vertentes: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário ou de serviços e o diversional, que, equivocadamente em minha opinião, chamam de jornalismo literário. Vivemos numa sociedade onde o hedonismo predomina e os jornalistas precisam fazer algum tipo de matéria que seja mais atraente para o cidadão comum, que não sejam só os fatos do cotidiano, daí o jornalismo diversional".

repórter procura viver o ambiente e o problema dos envolvidos na história", não podendo se "limitar às entrevistas superficiais". Diz ele, ainda, que tal prática "demanda enorme tempo, e poucos são os que podem se dedicar semanas ou meses a uma matéria". Por outro lado, a técnica – ou, podemos dizer melhor, o conjunto de técnicas que possibilitam a elaboração das formas jornalísticas dessa natureza – é apontada como a que "reaviva assuntos, tornando-os sempre atuais, e prende o leitor, ainda que ele tenha conhecimento de muitos pormenores divulgados" (ERBOLATO, 2006, p. 44). Está aí, portanto, a matriz teórica que baliza a classificação do gênero, protótipo das definições dadas, mais recentemente, aos dois formatos a ele submetidos: a "história de interesse humano" e a "história colorida"[10].

Na sequência, quem retoma a discussão é o próprio Marques de Melo, em sua tese de livre-docência, defendida em 1983, na ECA-USP. Apesar de ter sido o responsável pela formulação do termo, ele partiu, nessa fase, em direção contrária. Seus argumentos, agora, eram os de que a tendência assim qualificada não demonstrava encontrar "ancoragem na práxis jornalística observada no país", sendo "a diversão" um "mero recurso narrativo que busca estreitar os laços entre a instituição jornalística e seu público" (MARQUES DE MELO, 2003, p. 64). Mesmo quando se refere à "história de interesse humano" – anteriormente classificada por Luiz Beltrão –, o faz de modo a pôr sua identidade em xeque, com a justificativa de que se trata de "matéria fria", "de atualidade

[10] Na classificação de Marques de Melo (2006a), os formatos do gênero diversional têm as seguintes características: 1) *História de interesse humano:* "Narrativa que privilegia facetas particulares dos "agentes" noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os 'olimpianos'. Apesar da apropriação de recursos ficcionais, os relatos devem primar pela 'verossimilhança' sob o risco de perder a 'credibilidade'. Destina-se a preencher os espaços ociosos dos aficionados por relatos jornalísticos"; 2) *História colorida:* "Relatos de natureza pictórica, privilegiando tons e matizes na reconstituição dos cenários noticiosos. Trata-se de uma leitura impressionista, que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação de agentes principais e secundários. Não obstante a presença do repórter no cenário noticioso, ele se comporta como um 'observador distante', enxergando detalhes não perceptíveis a olho nu".

permanente", a qual o jornalista pode escrever recorrendo ao "arsenal peculiar ao universo da ficção", mas em nada se diferenciando da reportagem (MARQUES DE MELO, 2003, p. 61).

Tal avaliação foi seguramente reflexo conjuntural. No futuro, o autor irá explicar que, quando elaborou sua tese, transformada nos livros *A opinião no jornalismo brasileiro* (1985; 1994) – primeira e segunda edições – e *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* (2003) – terceira edição, revista e ampliada –, deparou-se "com um panorama insólito, caracterizado pela hegemonia dos gêneros informativo e opinativo", fruto de uma "conjuntura específica" (MARQUES DE MELO, 2010a, p. 26) ainda rescaldo da repressão da ditadura militar (1964-1985), que cerceou a atuação dos jornalistas brasileiros[11].

Retomada posterior de discussões acerca do mesmo objeto levaram-no a realizar outro diagnóstico situacional e fizeram-no rever sua postura. É aí que o gênero diversional – assim como o interpretativo e o utilitário – retorna à sua agenda. Inicialmente, na pesquisa que coordenou no âmbito do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Umesp, da qual se originou o *paper* "Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal 'Folha de S. Paulo' e da revista 'Veja'", apresentado no Recife (PE), em setembro de 1998, durante o 21º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Assinado pelos alunos Paulo da Rocha Dias, Rosemary Bars Mendez, Daniella Crespin Villalta e Gláubio Batista, apresenta extensa revisão bibliográfica e estudo exploratório em torno de uma nova proposta de classificação dos gêneros jornalísticos sugerida pelo orientador. Trata- se de texto histórico, por nele, pela primeira vez, ter sido feito o registro das novas

[11] Um exemplo muito evidente é o da revista *Realidade*. Criada em 1966 e apontada por Marques de Melo, assim como por outros pesquisadores, como o principal reduto do gênero diversional no Brasil, foi desc aracterizada – ou seja, deixou de se dedicar à produção de matérias aprofundadas, interessantes, emocionantes ou divertidas – após o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que intensificou o controle dos meios de comunicação no país (FARO, 1999, p. 20).

considerações do professor, incluindo a explicação de que o “gênero diversional” é aquele que se caracteriza pela “informação que diverte” (DIAS et al, 1998, p. 14).

Desse final dos anos 1990 para cá, uma série de outros trabalhos, realizados ora individualmente por Marques de Melo, ora por seus orientandos – e aí destacamos a pesquisa de fôlego de Lailton Costa (2008) e as nossas próprias contribuições (ASSIS, 2008; 2009; 2010a; 2010b; 2011) –, confirmaram as hipóteses lançadas desde o livro *Jornalismo diversional* e corroboraram o juízo de que esse gênero desponta

> no pós-guerra como contingência do jornalismo, no sentido de sobreviver num ambiente midiático dominado pelo entretenimento. A ascensão do *show business* contamina a produção jornalística, introduzindo ao resgate de certas formas de expressão que mimetizam os gêneros ficcionais, embora os relatos permaneçam ancorados na realidade (MARQUES DE MELO, 2006b).

Teve razão, portanto, Marques de Melo, ao adotar o termo “diversional”. Afinal de contas, ele designa o conjunto das matérias jornalísticas arquitetadas com recursos redacionais típicos da literatura e que, pela própria natureza, acabam por *divertir* seu público e concorrer com outras formas midiáticas de *entretenimento*.

Ciente da vigência de um “jornalismo emotivo ou hedonístico”, que “só adquire legitimidade no final do século XX” – coincidindo com a transformação da mídia num grande palco de atrações voltadas a divertir seus públicos –, o autor, ao término da primeira década do século 21, dá enfim amplitude teórica aos esboços feitos em 1971 (MARQUES DE MELO, 2010b, p. 6). A simples nomenclatura a dar título a uma coletânea didática então se transforma em

modelo conceitual apropriado para explicar a configuração de uma das faces do jornalismo, prova concreta – mais uma, entre tantas – de que o pensamento sobre um objeto dinâmico como a imprensa se constrói aos poucos, com o aprimoramento das observações empíricas e das discussões.

O gênero e sua finalidade

Apesar da aparência modesta, o livro que usamos como apoio para entender o fenômeno abordado é *fundamental*. E, se assim o adjetivamos, temos em vista que nas poucas páginas de uma edição rudimentar encontra-se a base epistêmica de uma taxionomia que busca colocar os frutos do trabalho jornalístico em paralelo às funções desempenhadas pelos meios de comunicação na sociedade. Se Charles Wright (1968, p. 19) – dando continuidade às observações feitas pioneiramente por Harold Lasswell[12] –, considerou o *entretenimento* como base dos "atos comunicativos com a intenção de distração, sem qualquer preocupação com os efeitos instrumentais que eles possam ter", é cabível, numa perspectiva funcionalista do jornalismo, tomar a *diversão* como caractere de uma classe de matérias orientadas a distrair seus receptores, combinando o interesse gerado pelas histórias focalizadas com a técnica redacional capaz de capturar detalhes e particularidades que dão tom às narrativas. O divertir consiste, assim, na tônica de um conjugado de formas de expressão ao qual se atribui o *status* de gênero.

[12] Harold Lasswell foi o primeiro a sistematizar as funções exercidas pela comunicação de massa no sistema social. Publicadas originalmente em 1948, suas observações reúnem os elementos daquilo que se entende por teorias das diferenças individuais (de cunho psicológico) e do que se convencionou chamar de teorias das categorias sociais (de teor sociológico). Às funções por ele identificadas – *vigilância sobre o meio ambiente*, *correlação das partes da sociedade em resposta ao meio* e *transmissão da herança social de uma geração para a outra* –, Charles Wright acrescentou um quarto item, o *entretenimento*, em explanação realizada durante o 4º Congresso Mundial de Sociologia (Milão, Itália), em 1959.

É evidente, contudo, que a explicação não se dá apenas pelo ponto de vista do divertimento como uma finalidade do trabalho jornalístico. Por isso mesmo, agradou-nos retornar a essa coletânea, para dela extrair a essência de um legado teórico que tem subsidiado não só a nossa incursão acadêmica pelo terreno dos gêneros, mas também o trabalho de outros tantos pesquisadores, igualmente interessados no mesmo assunto.

Os vestígios arqueológicos ali encontrados, agregados ao "seu outro", conforme a perspectiva foucaultiana, foram essenciais para diagnosticarmos o que o "jornalismo diversional" denota no contexto da imprensa brasileira e o que a ideia de diversão tem a ver com um fazer específico, no qual jornalista e escritor parecem se fundir em exercício alinhavado às experiências de ambas as figuras. Significa, ainda, em última análise, situar o jornalismo contemporâneo no bojo de um cenário midiático marcado pelo forte apelo do entretenimento e de tudo aquilo que possa ser divertido. Isso corresponde ao que observou Otto Maria Carpeaux (1968, p. 278), amparado em Richard Hoggart, pioneiro dos estudos culturais britânicos: a diversão é o resultado da "fragmentação" dos *media*, recurso adotado para atingir grande número de pessoas, com a adequação de conteúdos para serem consumidos por todas elas. Oferecendo "doses homeopáticas" de histórias reais e, ao mesmo tempo, lúdicas, interessantes, curiosas e que podem fazer rir ou chorar, o jornalismo – com a criatividade própria do gênero diversional – se estrutura a partir de fragmentos do cotidiano, oferecendo narrativas que dão ênfase aos protagonistas da cena noticiosa e aos cenários em que suas histórias se desenvolvem. Consegue, então, divertir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assis, F. de. (2008). O gênero jornalístico diversional na imprensa paulista: evidências nos jornais Valeparaibano e Correio Popular. In: *Anais Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, 13. São Paulo, São Paulo: Intercom, 2008.

Assis, F. de. (2009). Jornalismo com traços de literatura: alguns apontamentos sobre o gênero diversional. In: *Anais Congresso Brasileiro De Ciências 32, Curitba, 2009.* São Paulo: Intercom, 2009.

Da Assis, F. de. (2010a). Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. Alceu, 11 (21), 16-33. jul./dez Rio de Janeiro.

Assis, F. de. (2010b). Gênero diversional. In: Marques De Melo, J., & Assis, F. de (orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. (pp. 143-162). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.

Assis, F. de. (2011). Primórdios do jornalismo diversional no Brasil: uma introdução à luz de desacordos. In: *Anais Encontro Nacional de História da Mídia,* 8. Guarapuava. Guarapuava: Unicentro,

Bulhões, M. (2007). *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática.

Carpeaux, O. M. (1968). *Vinte e cinco anos de literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Castro, Gustavo de. (2010). *Jornalismo literário: uma introdução.* Brasília: Casa das Musas.

Costa, L. A. da. (2008). *Teoria e prática dos gêneros jornalísticos: estudo empírico dos principais diários das cinco macro-regiões brasileiras.* 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

Dias, P. da R. et al. (1998). Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal "Folha de S. Paulo" e da revista "Veja". In: *Anais Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação*, 21. Recife. São Paulo: Intercom, 1998.

Erbolato, M. L. (2006). *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. (7ª ed.). São Paulo: Ática.

Faro, J. S. (1999). *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ulbra AGE.

Foucault, M. (2005). *A arqueologia do saber*. (7ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Ghivelder, Z. (1971). A lição de Truman Capote. In: Marques De Melo, J. (ed.). *Jornalismo diversional*. p. 8-12. São Paulo: ECA-USP.

Haddock-Lobo, R. (2008, abr./jun.) História da loucura de Michel Foucault como uma "história do outro". *Veritas*, *53* (2), 51-72. Porto Alegre

Lima, E. P. (2010). *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo: Clube de Autores.

Marques De Melo, J. (ed.). (1971).*Jornalismo diversional*. São Paulo: ECA-. USP.

Marques De Melo, J. (2003). *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. (3ª ed.) Campos do Jordão: Mantiqueira.

Marques De Melo, J. (2006a). *Formatos jornalísticos: evidências brasileiras.* Pesquisa realizada no jornal "Folha de S. Paulo", 28/03/2005. (Original do autor).

Marques De Melo, J. (2006b). *Gêneros da comunicação de massa: análise dos gêneros e formatos jornalísticos*. (Original do autor).

Marques De Melo, J. (2009). *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva.

Marques De Melo, J. (2010a). Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: Marques De Melo, J., Assis, F. de (orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil.* (pp. 23-41). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.

Marques De Melo, J. (2010b). Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos. In: *Anais Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação*, 33. 2010, Caxias do Sul. São Paulo: Intercom, 2010b.

Marques De Melo, J. (2012, Nov.) A prima pobre das ciências sociais. *Pesquisa Fapesp,* (201), 26-33. São Paulo. Entrevista concedida a Mariluce Moura.

Marques De Melo, J., & Assis, F. de. (2013). A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos. In: Seixas, L., Pinheiro, N. F. (orgs.). *Gêneros: um diálogo entre Comunicação e Linguística.* (pp. 19-38). Florianópolis: Insular.

Muggiati, R. (2005). Hemingway e a reportagem conto. In: Marques De Melo, J. (ed.). *Jornalismo diversional.* São Paulo: ECA-USP, 1971. (pp. 8-12).

Pena, F. (2005). *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto.

Seddon, G. (1971). Cover Story. In: Marques De Melo, J. (ed.). *Jornalismo diversional.* (pp. 5-8). São Paulo: ECA-USP.

Uzzell, T. (1971). O ângulo na técnica de narração. In: Marques De Melo, J. José (Ed.). *Jornalismo diversional.* (pp. 26-33). São Paulo: ECA-USP.

Wright, Ch. R. (1968). *Comunicação de massa: uma perspectiva sociológica.* Rio de Janeiro: Bloch.